

MIGUEL REAL  
CLEPUL

Vitorino Nemésio  
(1901-1978)

## O primeiro catedrático “modernista”



Na década de 1930, com Vitorino Nemésio, a história da crítica literária em Portugal sofre uma profunda revolução, apenas semelhante à que sofrerá na década de 1950 com Jacinto do Prado Coelho, Eduardo Lourenço e Jorge de Sena, e na década de 1960, com a introdução da “nouvelle critique” e do estruturalismo, de Eduardo Prado Coelho e Maria Alzira Seixo.

Paralelos aos postulados presencistas sobre a “emoção” estética e a “autenticidade” da arte de José Régio, de visão mais psicologista, os textos de Vitorino Nemésio entre 1928, data de *Arte de Escrever*, e os dois volumes da sua tese sobre Alexandre Herculano, de 1934, revolucionam a crítica literária dominante, erudita e filológica, de perfil académico, legada dos estudos e da prática de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Mendes dos Remédios, José Joaquim Nunes e José Maria Rodrigues, prosseguida posteriormente por Álvaro da Costa Pimpão. Abandonando e repudiando o positivismo ideológico de Teófilo Braga, todos estes autores possuem em comum o privilégio atribuído aos estudos críticos de filologia histórica, a que unem, no campo social, estudos vincadamente biográficos. Em síntese, Vitorino Nemésio herda, como mentalidade dominante na historiografia da crítica literária, uma metodologia ora vincadamente histórico-filológica de recomposição rigorosa dos textos literários (não raro negando as propostas de Teófilo Braga, como acontece com Carolina Michaëlis de Vasconcelos e José Maria Rodrigues), ora vincadamente biografista, tese segundo a qual os veios nervosos culturais, sociais e históricos seriam abundantemente iluminados pela vida do autor (como, no caso limite, servem de exemplo os estudos de José Maria Rodrigues sobre as relações entre Camões e a infanta D. Maria e os de Álvaro da Costa Pimpão sobre Fialho de Almeida). A teoria crítica de Vitorino Nemésio aproxima-se, com diferenças marcantes, da de Hernâni Cidade, e afasta-se totalmente da herança erudito-académica prevalecente na investigação universitária entre 1910 e 1927. Perspetivada a obra de ambos ao longo da década de 1930, constata-se emergir aquela como uma rutura da influência germânica na historiografia da crítica literária e a assunção, junto com a obra de Rodrigues Lapa, de uma maior influência francesa<sup>1</sup>, que durará até aos anos setenta, posteriormente substituída pela influência anglo-saxónica.

De facto, a rutura evidenciada pelos estudos de Vitorino Nemésio na historiografia da crítica literária portuguesa da primeira metade do século XX mede-se a dois níveis distintos: 1. – a intervenção na imprensa periódica; 2. – o abandono de métodos filológicos e históricos de crítica erudita. No primeiro caso, destacam-se as contínuas e abundantes intervenções nos jornais, praticando uma crítica literária imediatista sobre obras recentemente publicadas, não receando aproximar a sua escrita crítica da do jornalismo cultural, como o evidenciam as suas palestras culturais na televisão, intituladas “Se bem me lembro...”, que lhe trouxeram popularidade acrescida, a direção do jornal conservador *O Dia*, em 1978, bem como – e sobretudo – a fundação e direção da *Revista de Portugal* (1937-1940). Em síntese, Vitorino Nemésio não receava “suja as mãos” em atividades literárias extrauniversitárias. Atestando o empenho de Vitorino Nemésio, como primeiro professor universitário de letras do século XX, em superar a especialização académica e em mergulhar na ebulição da própria criação estética, seja como crítico, seja como autor, desenhando uma vida paralela à do especialista, David Mourão-Ferreira escreve sobre a *Revista de Portugal*: “pela primeira vez – porventura única – se verificava [em Portugal] o

### BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

#### POESIA

• *O Verbo e a Morte*, Lisboa, Morais Editores, 1959.

• *Canto de Véspera*, Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

• *Poemas brasileiros*, Amadora, Bertrand, 1972.

#### FICÇÃO

• *Varanda de Pilatos* (introdução de José Martins Garcia), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

• *O mistério do Paço do Milhafre* (introdução e fixação do texto de Urbano Bettencourt), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

• *Mau Tempo no Canal*, Lisboa, Relógio d'água, 2004.

#### ENSAIO

• *Sob os Signos de Agora. Temas Portugueses e Brasileiros* (introdução de José Martins Garcia), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.

• *A Mocidade de Herculano até à volta do exílio* (prólogo de Luís A. de Oliveira Ramos), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

• *Relações Francesas do Romantismo Português* (prefácio de Aníbal Pinto de Castro), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

#### CRÓNICA

• *Conhecimento de poesia - jornal de Vitorino Nemésio 4* (introdução de José Martins Garcia), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

• *Ondas Médias: biografia e literatura - jornal de Vitorino Nemésio 1* (prefácio de Maria Idalina Resina Rodrigues), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

<sup>1</sup> Sobre a relação entre Vitorino Nemésio e a cultura francesa, cf. Maria Luísa Castro Soares, *Vitorino Nemésio e a Cultura Francesa no Segundo Modernismo Francês*, Lisboa, Universidade Nova, 1992 (texto fotocopiado). Esta autora qualifica Vitorino Nemésio, para a época referida, como “intermediário da cultura francesa em Portugal” (p. 125).

<sup>2</sup> David Mourão-Ferreira, “Para o perfil de Vitorino Nemésio”, in AA. VV. (coord. António C. Lucas, sob consulta de Luís Forjaz Trigueiros, David Mourão-Ferreira e Vitorino Nemésio), *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand Editora, 1974, p. 15.

<sup>3</sup> *Ibidem*, pp. 3 e 5.

<sup>4</sup> David Mourão-Ferreira, *O Essencial sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 13.

<sup>5</sup> Taborda de Vasconcelos, “A originalidade de Vitorino Nemésio. Ensaio”, Braga, Sep. *Quatro Ventos*, 1955, pp. 4 e 6.

<sup>6</sup> Vitorino Nemésio, *A Arte de Escrever (composição, sensibilidade, atitude e crítica)*, Coimbra, Sep. *O Instituto*, vol. 76, 4ª série, Imprensa da Universidade, 1928, p. 6.

<sup>7</sup> Sobre a bibliografia de Vitorino Nemésio, cf. AA. VV., (coord. António C. Lucas), *op. cit.*, pp. XVIII-XX, e, sobretudo, José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio. A Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1978, pp. 243-246.

<sup>8</sup> José Martins Garcia, *op. cit.*, p. 207.

<sup>9</sup> A. Machado Pires, *Vitorino Nemésio. O Rouxinol e o Mocho*, Praia da Vitória, Edição da Câmara Municipal de Praia da Vitória, 1998, p. 69.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>12</sup> Vitorino Nemésio, *Sob os Signos de Agora. Temas Portugueses e Brasileiros*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, p. 7.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 9.

estreito convívio entre as principais individualidades do vanguardismo modernista e os recém-revelados valores das novas correntes universitárias, entre vultos já consagrados (de mistura com os arautos do neorrealismo incipiente) e representantes daquilo que mais tarde se chamará o movimento da ‘Filosofia Portuguesa’<sup>2</sup>. Neste mesmo texto, David Mourão-Ferreira declara ter sido Vitorino Nemésio o primeiro professor universitário a praticar crítica literária nos jornais com frequência, “descendo” sem problemas profissionais a este nível de comunicação com o grande público, e confessa ser a crítica literária de Vitorino Nemésio publicada nos jornais um misto de rigor e impressionismo<sup>3</sup>. Aliás, em 1987, em *O Essencial sobre Vitorino Nemésio*, David Mourão-Ferreira assinala que a própria tese de doutoramento de Vitorino Nemésio, *A Mocidade de Alexandre Herculano até à volta do Exílio*, de 1934, em dois volumes, “alia [metodologicamente] o rigor da minudência erudita à certa intuição de quem sabe sondar a um século de distância toda a complexidade dos grandes destinos”<sup>4</sup>. É neste sentido, o da fusão na escrita de Vitorino Nemésio entre o rigor académico e a “emoção” ou “comoção” estéticas, expressas na linguagem do quotidiano, que Taborda de Vasconcelos, numa visão muito lúcida, reclama ter sido Vitorino Nemésio, para além de excelente professor, um “puro espírito criador”<sup>5</sup>. Justamente como criador, a objetividade metodológica da filologia constituiu para Vitorino Nemésio, menos uma orientação obrigatória, como para os seus pares na Faculdade de Letras de Lisboa, e mais uma limitação para um autêntico conhecimento do “génio interior” presente nas obras literárias, ocultado por aquele modo de prática da crítica literária, preocupado apenas com a “mera exterioridade” ou “aparência” dos textos, isto é, cuidando apenas da recomposição fidedigna dos textos literários<sup>6</sup>.

Eis, assim, os dois elementos da revolução provocada por Vitorino Nemésio na história da crítica literária – levar o rigor académico para os jornais, condenando o balofismo retórico de Albino Forjaz de Sampaio e Agostinho de Campos, e privilegiar a “emoção” ou “comoção” estéticas presentes nas obras literárias face ao eruditismo filológico da análise textual. Será esta última a razão explicativa por que a bibliografia de Vitorino Nemésio abunda menos de grandes ensaios teóricos ou doutrinários, com exceção dos dois volumes da sua tese de doutoramento, e mais de pequenos, embora esclarecedores, estudos biográficos<sup>7</sup>. José Martins Garcia regista ser o discurso crítico de Vitorino Nemésio erudito mas não seco<sup>8</sup>, o que equivale a estatuí-lo, ao modo de David Mourão-Ferreira, como cruzamento entre a erudição e o impressionismo ou entre o jornalismo cultural e o registo académico. Em *Vitorino Nemésio. O Rouxinol e o Mocho*, Machado Pires sublinha que aquele autor “não foi o tipo de erudito livresco”<sup>9</sup>, “não tinha o culto do pormenor nem da ficha”<sup>10</sup>, excetuando-se, evidentemente, a escrita da tese. Como seu aluno, Machado Pires realça quão caóticas eram as aulas de Vitorino Nemésio<sup>11</sup>, destacando igualmente como delas emergiam contínuas e novas visões sobre os temas abordados.

Desde novo, Vitorino Nemésio possui consciência de que o seu modo de fazer crítica literária se balança menos à “contemplação” erudita e mais à “ação” periodística. No texto de introdução a *Sob os Signos de Agora. Temas Portugueses e Brasileiros*, escreve Vitorino Nemésio que o “drama do espírito português [se] representa no ponto de inserção de um prolongamento do hábito contemplativo, que vem direito da decadência no remanso da ocupação [francesa e inglesa no século XIX], com o ramo de uma curva de aspiração ao nosso tempo, que age muito mais do que contempla”<sup>12</sup>. Tentando não cair em erro do passado, “que consiste em tentar uma cultura nova sobre o repúdio do antigo” – referindo-se a Antero de Quental e Teófilo Braga, seus conterrâneos açorianos –, Vitorino Nemésio destaca, mesmo assim, o aparecimento de uma “nova geração”, “sob os signos de agora”, que cruza o ímpeto modernista da “Geração de [18]60” com os estudos dos “homens de [18]90” (refere-se aos professores universitários por nós acima citados), que importaram “com sinceridade os novos padrões de estética e os métodos das ciências antropológicas, mas cortando com a capacidade intimamente criadora a que, pior ou melhor, assinalara as camadas anteriores”<sup>13</sup>. Ora, é justamente este último o intento renovador do jovem Vitorino Nemésio – o privilégio atribuído à vertente estética ou emotiva da obra literária –, pelo qual, em consonância com as teses dos jovens da *Presença*, assinalará uma rutura no discurso crítico português, ligando assim (pela primeira vez depois de Teófilo Braga) a universidade à renovação estética extrauniversitária da literatura portuguesa. Eis a essência do discurso crítico de Vitorino Nemésio.

No livro ora citado, encontramos diversos exemplos desta originalidade crítica de Vitorino Nemésio, sobretudo no texto “O Marrano [Uriel da Costa] e o Pessimista [Oliveira Martins]”<sup>14</sup>, mas também em “O Erotismo de João de Deus”<sup>15</sup>. Aqui, algum pormenor erudito, que mais preferimos designar por conhecimento certo e rigoroso das obras sobre que escreve, é sobrelevado pela acutilância intuitiva que visa de imediato o *quid* original do autor, compondo este de visões fragmentárias articuladas na unidade do retrato estético do autor. Trezentas páginas académicas sobre cada um daqueles autores não nos esclareceriam mais sobre o seu real valor na história da cultura portuguesa.

Assim, em 1932, depois de *Arte de Escrever*, de 1928, reafirmado em 1944 com o seu estudo sobre Moniz Barreto e, depois, em 1958, com *Conhecimento de Poesia*, Vitorino Nemésio enaltece a vertente estética da análise literária. A sua tese de doutoramento prova que não se tratava de desconhecimento da vertente erudita e filológica, mas de uma clara opção por uma visão esteticista sobre a crítica literária. Aliás, o testemunho de Vitorino Nemésio na sua “Última Lição” é claríssimo, classificando o ensino de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, enquanto grande representante dos estudos universitários no primeiro quartel do século XX, como “livresco” (embora Vitorino Nemésio escreva não desprezar este tipo de ensino, com a condição de ser lecionado por professores da craveira intelectual da erudita de origem alemã), e acrescenta o autor – “livresco na sua formidável e embrenhada polimatia”<sup>16</sup> –, o problema é que a maioria dos professores não são polimateutas!

Trinta anos depois de *A Arte de Escrever*, no “Prefácio” a *Conhecimento de Poesia*, Vitorino Nemésio reconhece que as três centenas de páginas que se seguem no corpo do livro são “predominantemente impressionistas”<sup>17</sup>, já que tinham sido redigidas sem a preocupação da erudição universitária; porém, confessa igualmente que “o grosso da coluna [do conteúdo do livro] é obra de franco-atirador, reação quase sempre imediata de um poeta [o criador, não o académico] que responde a outros poetas, [ambos] caçadores do inefável saídos aos campos de Deus...”<sup>18</sup>. E justifica o seu método (impressionista) de “conhecimento da poesia”: “assim, por *conhecimento*, há de entender-se o que na recetividade pessoal comovida [a “comoção estética”] e afim possa revelar de aproximado à compreensão suficiente da criação alheia”. E acrescenta sobre o estado da crítica literária em Portugal nos finais da década de 1950, contrapondo o eruditismo das “minudências” universitárias ao dogmatismo neorrealista, fugindo de ambos:

Em Portugal, nos últimos tempos, a crítica literária parece-me oscilar entre um modo geralmente ternizante, como que precativo, recensivamente pouco exato, e uma erudição comparativa de passos e ávida de descobrir influências. Essa avidez caracteriza também a primeira das duas tendências, que além disso se mostra um tanto dogmática em juízos de valor preconceituados pelas preferências estéticas do crítico e com as suas ligações com grupos literários militantes. Assim, a crítica e a história literárias arriscam-se mais depressa a serem estética de partido, sociologia, dialética de escolas, erudição de miunças, do que modos desprevenidos de recetividade e valoração das livres criações do espírito.<sup>19</sup>

Contra o dogmatismo militante (seja presencista, seja neorrealista) e o dogmatismo escolástico universitário, Vitorino Nemésio reivindica para o discurso crítico uma permanente disponibilidade estética (“modos desprevenidos de recetividade e valoração das livres criações do espírito”), ou, dito de outro modo, uma compreensão estética emotiva pela qual o crítico recebe, regista e transmite ao leitor a obra recensada num ato estético singular, livre e irrepetível, que só a ele, sem escolas, envolve e limita. Por isso, Vitorino Nemésio não cria doutrinas, não funda teorias<sup>20</sup>, mas apela e dá testemunho de uma leitura crítica singular, emotiva (“como vida”), genuína e autêntica, como a de um poeta lendo outro poeta. Como que Vitorino Nemésio traça um retrato de si mesmo como crítico quando escreve estas palavras a respeito de Moniz Barreto: “Frágil em teorética absoluta [...], a conceção literária em Moniz Barreto é coerente e fecunda como postulado de um pensamento prático da literatura, ao mesmo tempo psicologia e história natural dos espíritos”<sup>21</sup>. Intuicionando a vida e os seus componentes estéticos, os ensaios de Vitorino Nemésio são essencialmente biográficos<sup>22</sup>, ou, melhor dito, de natureza biográfica, onde a essência da vida do autor se cola à criação, ou onde a criação estética emerge “comovi-

<sup>14</sup> *Ibidem*, pp. 143-165.

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp. 57- 97.

<sup>16</sup> Vitorino Nemésio, “Última Lição”, in AA. VV., *Miscelânea de Estudos em Honra do Professor Vitorino Nemésio*, Lisboa. Faculdade de Letras, 1971, p. XXIII.

<sup>17</sup> Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia*, Salvador-Bahia, Livraria Progresso, 1958, p. 9.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>20</sup> É, no entanto, notável o conteúdo rigoroso e supremamente informado da conferência pronunciada na Sociedade Portuguesa de Escritores com o título *Romance. Existência e Visão do Mundo*, Lisboa, Ed. Sociedade Portuguesa de Escritores, 1964.

<sup>21</sup> Vitorino Nemésio, “Prefácio” a Moniz Barreto, *Ensaio de Crítica*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1944, p. XXXIX.

<sup>22</sup> Sobre o conceito de crítica literária em Vitorino Nemésio, cf. Rita Patrício, *Conhecimento de Poesia: a crítica literária segundo Vitorino Nemésio*, Braga, Universidade do Minho, 2000 (texto policopiado).

<sup>23</sup> David Mourão-Ferreira, “Introdução” a Vitorino Nemésio, *Quase que os Vi Viver*, Lisboa, Bertrand Editora, 1985, pp. 9-10.

<sup>24</sup> Luís Machado de Abreu, *A hermenêutica da cultura em Vitorino Nemésio*, Sep. AA. VV., *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois*, Lisboa: Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998, p. 524. Luís Machado de Abreu recorda que já em 1934, no prefácio à sua tese de doutoramento, Vitorino Nemésio escrevera que a crítica e a historiografia literárias deviam visar a “vida da alma”, essa “energia íntima insondável”.

<sup>25</sup> José Martins Garcia, *op. cit.*, p. 217.

<sup>26</sup> Rita Patrício, “Sobre o conceito de crítica literária em Vitorino Nemésio”, in AA. VV., *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois*, p. 705.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 706.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 708.

<sup>29</sup> Cf. A. Machado Pires, *op. cit.*, p. 69.

<sup>30</sup> José de Almeida Pavão, “A estrutura polimórfica de *A Mocidade de Herculano*”, in AA. VV., *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois*, p. 719.

<sup>31</sup> Cf. José V. de Pina Martins, *Vitorino Nemésio. Da sua Humanidade e do seu Humanismo*, Paris, Sep. Arquivos do Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. XIII, 1978.

damente” da vida. Porém, David Mourão-Ferreira alerta com justeza, na introdução ao livro póstumo de Vitorino, *Quase que os Vi Viver*, que “as reiteradas incursões de Vitorino Nemésio pelo campo biográfico [...] nunca têm como finalidade buscar um nexo imediato de causa-efeito entre este ou aquele acidente do homem concreto e este ou aquele pormenor da sua produção literária; e essas incursões, sugestivamente enquadrando ou indiretamente iluminando as obras, têm sempre o condão de nos fazer sentir que não são “desembodied voices” – para empregar uma expressão de Leon Edel – as vozes que em tais obras se fazem ouvir”<sup>23</sup>. Biografista, Vitorino Nemésio? Sim, mas biografista especial, no intuito de reunir sinteticamente expressividades vivenciais que de certo modo explicam ou ecoam no coração da obra, e não para mecanicamente justificar esta através de peripécias da vida. Neste sentido, Luís Machado de Abreu classifica o método crítico de Vitorino Nemésio, mesmo no campo do biografismo, como “registo do que no quotidiano possui valor indiciário”<sup>24</sup>, e José Martins Garcia, como “anotação sintomática”. José Martins Garcia alerta que a palavra “conhecimento” em *Conhecimento de Poesia*, de 1958,

... adquiriu uma pluralidade de sentidos: é mais que análise, embora também o seja, é mais do que entendimento, se bem que o não dispense; é mais que intuição, se bem que a respeite; é mais que enquadramento temporal do poema, se bem que enverede muitas vezes pela determinação de valores epocais. Não se trata de pura *técnica* [análise textual] de avaliação da linguagem poética, mas também nestas páginas não existe a simples deriva de sabor impressionista. Todos os juízos de valor que este crítico emite se esteiam em critérios que, dentro do seu relativismo, não podem ser descurados. *Conhecimento* significa, neste título, o recurso de um conjunto de dados que lançarão luz sobre as obras avaliadas, sem que tal pesquisa destrua a grande interrogação que nos furta a leitura definitiva.<sup>25</sup>

É indubitavelmente no sentido referido que deve ser lida a biografia da Rainha Santa Isabel escrita por Vitorino Nemésio, considerando que por vezes, não raro, apreendemos a vida de um autor mais pela lenda legada do que pelos factos concretos vividos, escassos neste caso particular. Num artigo muito luminoso publicado nas atas do “Colóquio Internacional Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois”, Rita Patrício, na esteira de David Mourão-Ferreira, José Martins Garcia, A. Machado Pires e Luís Machado de Abreu, considera a prática da crítica literária de Vitorino Nemésio como de “índole biografista”<sup>26</sup>. Sublinha a autora com muita correção, como atrás salientámos, que Vitorino Nemésio, enquanto crítico literário, intenta criar uma “reação estética no leitor”, exatamente a mesma que o crítico sentira aquando da leitura da obra, ilustrando assim na sua prática o seu conceito de “recetividade pessoal comovida”<sup>27</sup> numa “identificação entre texto crítico e texto criticado”<sup>28</sup>. Deste modo, considera Rita Patrício – numa terminologia muito própria – que, contra o historicismo, Vitorino Nemésio desenvolve uma “conceção animista” e “desiderativa” de crítica.

Visando e tentando captar “emocionalmente” a “alma dos textos”, a sua singularidade estética, Vitorino Nemésio, segundo A. Machado Pires, lutava contra as “especialidades” do saber e os especialistas académicos do seu tempo, promovendo uma visão “universalista” da obra literária<sup>29</sup>. É justamente o que, referindo-se exclusivamente à tese de doutoramento de Vitorino Nemésio, José de Almeida Pavão designa por “abordagem duma totalidade”<sup>30</sup>. O “total”, a visão “universalista”, encontrar-se-ia do lado da estética, atingível, porém, apenas através da particularidade, necessariamente do lado da história, da psicologia, da sociologia, da filologia, da antropologia. No entanto, só visão intuitiva do “total” (o *quid* singular) conferiria pleno valor estético à obra e à crítica literária, não um valor nefelibata, mas um valor propriamente humano, circunscrevendo o que em determinada obra seria singular pertença, não do indivíduo concreto e existencial, mas da humanidade. Neste sentido, se a palavra não estivesse já semanticamente esgotada, mais do que outras classificações, a verdadeira classificação da crítica literária em Vitorino Nemésio seria a de Humanismo – tatear e detetar o que em cada obra literária existe de verdadeiramente humano<sup>31</sup>. ▀